

Pessimismo e verdade

Uma recessão que se arrasta por treze anos, elevadíssimos índices mensais de inflação, liderança mundial no quadro das mais iníquas distribuições de renda, corrupção enquistada nos poderes Legislativo e Executivo e, para culminar, o afastamento de um presidente, eleito pelo voto, que não soube se comportar à altura do cargo. Tudo isso contribuiu para transformar o brasileiro — dito o homem cordial, alegre e brincalhão — num ferrenho pessimista, que varia entre o sentimento de impotência frente a uma realidade adversa e o ceticismo mais desbragado. Some-se a isso tudo a impressão de que a desonestidade se generalizou e que impera a impunidade e teremos, então, um quadro bastante real do que se passa no espírito dos brasileiros que viram naufragar, em poucos anos, um milagre econômico que só encontrava paralelo no Japão e a crença de que este seria o país do futuro.

No entanto, a análise dos números frios da economia não mostra um panorama tão catastrófico assim, embora tenhamos uma inflação impressionante.

Começemos por examinar a questão da dívida externa que por muitos anos foi o bo-
de expiatório para todos os problemas nacionais e que foi recentemente motivo de ampla renegociação. A América Latina é o continente mais endividado e o Brasil o refém da maior dívida entre os países em desenvolvimento. No entanto, em termos proporcionais (entre dívida e Produto Nacional Bruto), o Brasil tem uma das situações mais confortáveis. Examinando-se os números de 1990, por exemplo, descobre-se que a dívida brasileira correspondia a apenas 22% do PNB, enquanto a média do continente era

de 40%. Neste aspecto, a situação de México, Argentina e Chile era bem pior, já que suas relações eram, respectivamente, de 42, 61 e 73%.

Um outro indicador que mostra um excelente desempenho da economia brasileira — mas que não tem reflexos positivos na vida do cidadão comum — é o que se refere à balança comercial. No triênio que vai de 1990 a 1992, o Brasil registrou um saldo positivo nos três exercícios: US\$ 10,7 bilhões, US\$ 10,6 bilhões e US\$ 15,5 bilhões, respectivamente. Para se ter uma idéia dessa extraordinária performance, basta dizer que a América Latina teve saldos positivos de US\$ 27 bilhões em 1990 (o Brasil respondeu por 38%); e de US\$ 9,7 bilhões em 1991 (o desempenho brasileiro superou o continental). Em 1992, o continente latino-americano teve saldo negativo de US\$ 5,9 bilhões (enquanto o Brasil tinha um superávit de US\$ 15,5 bilhões).

A economia brasileira, como um todo, não vai bem, mas a verdade é que não vai tão mal quanto se pensa. O contexto mundial é de dificuldades. O que exacerba os problemas brasileiros é o fato de termos uma das piores distribuições de renda do mundo, que fica bem consubstanciada num salário mínimo de menos de US\$ 70. Historicamente, o Brasil tem se mostrado incapaz de distribuir entre sua população os benefícios de sua riqueza. Menos de 10% dos brasileiros empolgam metade da renda nacional enquanto os 50% mais pobres ficam com pouco mais de 10% da renda. Enquanto isso permanecer, todos os demais esforços serão infrutíferos.